

# O ARARIPE.

## CRATO

## N. - 44

O ARARIPE é destinado a sustentar as ideias livres, proteger a causa da justiça, e propugnar pela fiel observância da Lei, e interesses locais. A redação só é responsável pelos seus artigos; todos os mais, para serem publicados, deverão vir legalizados.



O preço da assignatura é  
Por um anno 4\$000  
Por 6 meses somente 3\$000  
O jornal sairá todos os sabbados.  
Os assignantes terão gratis oito linhas por mez, as mais serão pagas a 60 reis cada uma.

SABBADO 10 DE MAIO DE 1856 RUA DA MATRIZ.  
TYPOGRAPHIA DE MONTE & COMP.

## O ARARIPE.

Um argumento, que sempre tem sido trahido ao corpo legislativo contra a criação de novas provincias, e que tem importado a rejeição de ideias semelhantes, é, umas vezes, a falta de recursos pecuniarios para sua manutenção, outras, o desfalque, que acarretariam á receita das provincias com cujos territorios se tem ellas de formar. Fielmente para a criação da provincia do Cariry, taes difficuldades não militão a seu respeito. Si grandes devem ser seus recursos financeiros, nenhum será o decrecimento na receita das provincias respectivas.

Como resentir-se o pingue orçamento bahiano da ausencia de Jacobina? Qual o desfalque da grande receita pernambucana pela desanexação de Boa-vista e Flores? Nenhum. Tão pouco soffrerá o Ceará com a falta do Crato e Inhamuns, a Parahiba com a do Rio-do-peixe e Piancó, o Piahy com a de Jaicós; porque, como é geralmente sabido, ao paço que cada um destes municipios consome dos cofres de sua provincia uma quantia certa com seus funcionarios e necessidades, não lhe é possível, attentas as difficuldades de uma perfeita fiscalisação, fornecer-lhes uma importancia equivalente; e mal estavamos, si as substancias pecuniarias que dimanão do commercio maritimo e da industria de outros lugares, não revertessem em seu beneficio. A distancia de cada uma destas localidades à sede das estações fiscaes é um poderoso motor do desaproveitamento de suas rendas; e é esta a razão porque hoje não basta para suas necessidades o que rende qualquer uma dellas. Ponhamos o cofre a porta do contribuinte, haja a acção do governo, que zélle, e bem cê-lo veremos, que os rendimentos dellas haode prefaser o total das despesas de uma provincia, entrando para o cofre publico, sem aggravar a sorte dos contribuintes, como deis o que entrava como um. Aqui a differença virá da economia com que serão aproveitados os diversos ramos de rendimentos publicos hoje a mercê dos especuladores, amanhã debaixo dos cuidados do agente fiscal.

Dizemos, e temos nisto toda a razão, os rendimentos do Cariry, na importancia em que entrão para os cofres publicos não valem o que com elle

se despende; mas, cobrae como cobrão os particulares que os arrematão, e vereis, si são elles ou não superiores às despesas da comarca. Para faser mais frisante nosso argumento, cumpre socorrer-nos aos factos. Arrematão-se annualmente por 14 contos os impostos de 1600 reis sobre rez do consumo, disimo de minças, e alguns outros de pequena importancia desta comarca: os arrematantes o dividem por localidades ganhando, ouvimos sempre dizer, de 8 a 10 contos, e os segundos cessionarios, que os arrecadão, sempre lucrão nunca menos de 25 a 30 por cento, segundo o que só estes impostos veem a producir em ultimo resultado de 30 contos de reis para mais; e isto que se dá a cerca destes se dão a cerca de todos os outros geraes e provinciaes. Desafiamos a que nos contestem. Si elles são assim percebidos em favor dos especuladores, não seria melhor, que o fossem em favor das estradas, das pontes, dos estabelecimentos de educação, da força policial e dos melhoramentos materiaes, tantos, de que temos urgente necessidade?

Podemos assegurar, que criada a provincia, sem carecer mesmo esperar pelo desenvolvimento, que isto deve trazer a todos os ramos de industria, o Cariry, só, pode fornecer ao cofre 40 contos de reis quando menos, ao passo que não mais de 20 produs hoje para a provincia. O Inhamum producirá o dobro, e lugares ha que producirão o decuplo. As arrematações de disimos de gados grosos na comarca da Boa-vista de Pernambuco, que nós está a um dia de viagem, e que aliás distá de Recife 150 legoas, forão feitas por um preço tal, que mal aproveitadas deixão aos particulares, em ultimo resultado, um decuplo de seu preço.

Veja-se pois si estas rendas desfalcão em taes circumstancias suas provinciaes, e si por outro lado um presidente q' tenha tudo debaixo de suas vistas dellas mesmo não poderá tirar, quanto baste para as despesas da provincia. Podemos asseverar que os disimos de gados de Jaicós, Inhamuns, Jacobina, Boa-vista, Flores, Piancó e Sousa, o de minças desta comarca, Baixa-verde, e tantos outros lugares agricolas, e em geral todos os impostos existentes darão á provincia do Cariry uma receita igual a da provincia do Ceará; e que como a desta subirá, á porção que a agricultura e commercio forem tendo o desenvolvimento que o governo lhes for preparando.



Damos nossos emboras aos dois termos do Crato e Barbalha pela nominação do Sr. Dr. Sebastião Gonçalves da Silva, para o lugar de seo juiz municipal. O Sr. Dr. Sebastião é um honrado magistrado que muito a proposito foi remetido para aqui. Dizendo que não é juiz chefe de partido, e que não tem pretensões politicas, temos igualmente dito que seo quatrienio será preenchido dignamente.

## COMMUNICADOS.

Sempre grande medo se apodera de mim quando tenho de fallar á Senhora Da Policia: acho-a tao iracivel, tão cheia de susceptibilidade, que quando vejo estampada em qualquer jornal alguma advertencia que lhe tenha derigido, a menor pancada, que ouço na porta, ja me parece dada pela mão possante do Sr. beliguim, e si venho fóra, (o que não é frequente) ja é aterrado com a phantasia destas mal sonantes palavras: — esteja preso Sr. Dédé! —

Todavia não posso resistir a maligna tentação de, uma vez por outra, passar-lhe um corrige. Sou como o peixe, morro pela bocca, isto porque, quando criança bibi aquella fatal agoa de xoculho, que nunca foi impunemente tragada. Passando destas observações preliminares, vou-me à materia.

O povo do Cariry, por isto que é doptado de uma vivacidade sem limites, entrega-se à toda a sorte de distrações, não podendo estar quieto, inda quando de qualquer pago, que tente dar, possa resultar-lhe uma queda. Quanto mais descemos pela escalla social mais observamos essa actividade, que absorve tudo. Assim, nos dias santificados para os que trabalham, e nos outros seis da semana para os que fogem de occupações proveitosas, os sambas e jogos estão em permanencia.

É domingo. Os ricos j gão a espadilha, as mulheres a suêca o pobre o vinte sete, o capiro ou o frêcha ou o cacete. Ora, os ricos tem lá sua rasão; porem os pobres se estão fazendo o maior mal, ja isso não é tão precioso. Mas demos de barato que em tal dia o costume tenha sancionado os jogos e passatempos; e ainda mais, que os ricos (si ha gente bastante rica para jogar nos 25 domingos e tantos outros dias santificados do anno) possam agoentar essas sangrias; como se pode porem a D. Policia deixar ficar quêda à vista do abuso que fas a nossa classe pobre, a pobrissima, a mendicante?

Ah! é muita encuria, é uma falta immensa, deixar que assim se estrague noite dia nos lugares mais publicos um povo numeroso, que fas sua profissão de jogos, que emigra do Crato para a Barbalha, e da Barbalha para o Crato procurando somente jogar; que haja gente que adquira celebridade nesta traficancia; que os matos joguem nas feiras o dinheiro, a carga, o cavallo, a rede, e até o chapeo! A policia de facto é ré de policia.

Fallo destas quatro telhas para baixo: si tal cousa um dia me succedesse, havia dar mais diabos a um delegado de policia, do que a mãe lhe deo de boquinhos. De facto é elle quem se torna responsavel ante a sociedade de acontecimentos desta ordem.

O que é um jogo de paradas, á portas feixadas com um baralho aperado, uma botija de aguardente a um canto, e uma fêca ao coes! Um crime, . . . dois crimes, . . . muitos crimes! Mas é isto o q' vemos derivamente no Crato mesmo na prisão da salla livre, na Barbalha no Jardim em Porteiras, em cada villa, em cada povoação ou sitio, em cada canto finalmente.

Cumpra que a policia acabe com isto ao menos para que daqui a pouco se não supponha, que jogar dinheiro é profissão licita; porque, si isto se deixa encasquetar ao povo, adeos enchada! Não ha quem não prefira viver jogando a andar quebrando as unhas por essas babócas. Crato 20 de Abril de 1856.

O SOBRINHO DO SR.

**K.**

## QUEM QUER ENRICAR?

Quem quer enricar?

Plante algodão nas matas do Araripe.

Quem quer enricar?

Plante café no Araripe.

Quem quer enricar?

Tire berracha no Carisinho.

Quem quer enricar?

Faça assucar e venda no Aracaty.

Quem quer enricar?

Procure ser f briqueiro de matriz, procurador de santo, administrador de irmandades. O Puritano.

## CONTO POPULAR.

Tum . . . . . tum tum . . . . .

Quem bate ali?

Sou eu.

Ah! é o sr. Cholera? como está o sr. Cholera? donde vem o sr. Cholera? para onde vae o sr. Cholera?

Vou até alli assim ao A . . . . .

Quantas pessoas pretende lá matar?

Somente tresentas.

Passão se alguns dias, e de novo ouve o pobre homem bater-se lhe à porta.

Quem bate ali? . . . . .

Criado do sr. Braz . . . . .

Ah! é o sr. Cholera! . . . . . como passa o sr. Cholera? quantas pessoas matou o sr. Cholera?

Matei as n esnas 300, mas os drogões e globos matarão outras 300, e o medo matou ainda 300 mais. O &

## PROTESTO.

Sr. Redactor, não pode haver maior protervia, não pode haver menor falta de brio, do que a de por no prelo hum annuncio capcioso, refalsado, que, quando acaba de ser lido, acaba de ser refutado com infamia eterna para o seo auctor. Pois he d'essa infamia que eu vou cobrir os dois Annunciantes do Exu Luis Pereira e Gualter, que tiveram o desaforo de decrever-me para o publico, no seo jornal passado, como hum escravizador de pescas livre. O publico me desculpe se as minhas palavras forem menos brandas, do que a prudencia recommenda, porque tambem a indignação de que me sinto possuido, ninguém dirá, que não he hum justa indignação. Disem esses dois philanthropos de nova especie, que eu com o maior escandalo reduzi á escravidão Hypolita Maria das Deros, que he livre, que nasceu de ventre livre. Bem. Pois eu vou confundi-los só com a genalogia de Hypolita, para ao depois anequila-los com a declaração da causa vergeniosa da sua philanthropia.

Em 1807, Sr redactor, era oísa de pai minha mulher, que teve em legitima, alem de outros bens, hum escrava acabralhada de nome Antonia, como consta de hum formal de partilha, que ainda hoje possuimos. Hum, ou dois, ou mais annos depois



teve essa escrava huma filha de hum rapasolai filho de hum ricasso, de nome Geraldo, que era entao visinho de minha sogra, a finada D. Joanna Paula de Jesus, porque todos moravaõ para as partes do Paj-hù. Esse velho apenas soube que era nascida huma filha de seo filho, foi se ter com a referida minha sogra pedindo-lhe com a maior instancia, que lhe permittisse ferrar na pia a sua netta, que era o seo sangue. Minha sogra ponderou-lhe, que na qualidade de tutora não lhe era permitido dispor dos bens de sua filha; mas que todavia lhe apresentasse outra escravinha, que fosse maior, embora não mulata, que ella converia na alforria; e isso agradou tanto ao velho, que o poz á busca de huma outra negrinha. Mas passava o tempo, e convinha batisar a pagã.

D. Joanna Paula naturalmente benevola quiz forra-la logo, precindindo mesmo da troca à vista, porque confiava no tal Geraldo; porem mudou de accordo a conselho de varias pessoas, que lhe disião que era indiscreta aquella alforria, ja porque ella era tutora, e não senhora, e ja porque o velho daria ou não outra negrinha, de maneira que foi batisada mesmo como escrava a tal mulatinha que teve o nome de Maria permanecendo apenas a promessa da tutoara de receber outra por ella em qual quer tempo. Mas quem vio chegar esse tempo? Maria se poz moça e nunca seo Avô pode faze-la substituir por outra escrava. Poz-se tambem moça minha mulher, e entrou na administração de seos bens, ja não em Pajehù, mais á margem do rio S. Francisco, para onde se haviaõ mudado. Maria bem moça ainda cedeo as seduções de Francisco Pillé, e vio-se offendida, o que sabendo minha sogra constragio o a disposa-la a despeito da sua reluctancia, porq' Maria era captiva: — Voce não sabia q' ella era captiva para q' a sedusio? — lhe disia minha sogra; — depois disso o velho Geraldo pretende forra-la, e quando não forre eu a ferrarai, com tanto que voce casa. —

Francisco Pillé casou-se na verdade: e elle, se tem hora diga, se se deo ou não toda essa contraversia no seo casamento: se sua mulher continuou, ou não sempre a viver na cosinha de minha sogra; e se vio-lhe algum dia a carta de alforria, ou mesmo assento de baptismo de forra. Vivendo assim Maria teve o primeiro parto, de que nasceo Hypolita, isso a 33 annos, mais ou menos, tempo em que moviaõ a minha sogra hum caprichoso litigio os parentes de seo ultimo marido, para lhe tomarem huma herança; litigio tão caprichoso, que a obrigou a deixar as margens do S. Francisco, e á vir defender-se cá, trazendo de seos bens o que foi possivel por em marcha, como trouxe Hypolita que era entao grandinha, e que acompanhava sua senhora, minha mulher que tambem imigrava com sua mai. Infelizmente Maria não pôle acompanhallas por estar parida de novo, e mesmo por pedir-lhes com muita instancia Francisco Pillé, que lhe permittissem demorar-se hum pouco mais, em quanto recebia as partilhas de hum gadinho, que criava de Mauricio de tal, que havia ido para a Bahia. Nem minha sogra, e nem minha mulher poderaõ resistir a esses pedidos, e deixaraõ Maria recommendada aos cuidados de Jozé Suterio Ferreira, que ficou autorisado para supprila do que lhe fosse mister. Decorreo porem tempo demasiado, e Francisco Pillé não apparecia, o que fés que minha sogra expedisse hum positivo com ordens para lhe treser a escrava com o filho, que ja tinha; mais

o mesmo Francisco Pillé, que não tinha interesse e antes perdia em emigrar tambem, procurou a protecção dos antagonistas de minha sogra e apenas respondeo, que como ella estava em demanda, e bem podia perder na Rell.ção, como ja havia perdido ahi, e conseguintemente tinha de repor todos os bens, que possuia, Maria ja alli ficava por via de cautella: pouco lhe importava saber que essa escrava não era de minha sogra, e sim de sua filha que não era responsavel por herança alguma.

Por esse meio tempo casei-me eu; vencemos a demanda, e redrobamos d'efforsos para arrecadar a nossa escreva: eu conservo em meo poder de cenas de cartas de Advogados, aquem encarregamos o trabalho de reconduzir essa familia rebelde e com quem gastamos dinheiros &. O Sr. padre Francisco Antonio, o Sr. dr. Sousa Reis, que digão se foraõ ou não nossos procuradores; se nos deraõ ou não lisongeiras esperanças; e este ultimo se nos pidio, ou não 600\$000 pelo trabalho que hia ter.

Se nós perdemos a escrava Maria, que ja não existe, e se não temos podido colher tres filhas, que deixou alem de Hypolita, be porque fasem-nos huma guerra d'exteminio alguns protectores do lugar, e nem eu e nem minha sogra lá mais voltamos.

Depois de tudo isto, Sr. redactor, poder-se-ha concluir, que eu tenho redusido a escravidão huma pessoa livre? Deverei ser estigmatizado com hum ferreto tão ignominioso? Ou será mais logico que os Srs. annunciantes são huns calumniadores infames, que tendo-me visto possuir Hypolita desde quasi o berço, ainda não ousaraõ propor-me (por essa compaixão de que hoje se acobertaõ) huma acção de liberdade, para me convenserem pelos meios legaes? Hum verdadeiro philantropo protege com a lei, mas não rouba escravos da cosinha de seo senhor, como me roubaraõ os Srs. annunciantes de mãos dadas com mais alguem a minha escrava, que mandei por nessa cidade suppondo, que evitava as repetidas tentativas, que aqui soffri. Mui compadecidos estaõ hoje os Srs. annunciantes pelo jogo da escravidão, como disem no seo manifesto; e porque não se compadeceraõ d'aquellas tres miseras filhas de Antonio Felipe morador na Carnahiba do Exú, que o Sr. Galter suffocou ahi huma noite na qualidade de juiz de paz e as foi entregar jungidas a Antonio Pedro d'Alcantara, ahi nesse mesmo Crato, para ganhar a ridicula quantia de 200\$ reis, e q' o dito Antonio Pedro fes voar para Pernambuco sem mais usti e nem arre! Porque não se teem compadecido da pobre Luiza que seo cunhado Cornelio ainda mesmo depois de ter sabido, que não era captiva, a quiz dar em dote a huma das suas filhas, e a subjuga como escrava? Não se teem compadecido, Sr. redactor, primeiramente por que convinha ganhar os 200\$000 reis, embora fazendo o papel de beliguim, e em segundo lugar, porque não se teem dado entre elles e seo cunhado as mesmas indisposições, que entre mim e elles. Eu lhes podiria tambem perguntar, porque se não compadeceraõ da infelis Maria Cotêa, que ahi no Exú surraraõ hum anno destes; da inoffensiva Jozefa do Theodosio, que levaraõ a bolos de mãos sobre huma mesa; de Raimunda de tal, a quem depois de cortarem o cabello, e surrarem sem piedade, infligiraõ hum castigo só usado nos tempos barbaros . . . . . isto é, quebrãdo-lhe dente por dentes; de Delfina de tal, e de Theresa Murixaba, que quasi expira a golpe de chicote; eu lhes poderia perguntar porque so não compadecer



raõ dos miseraveis Gonçallo Boquinha, e Antonio Francisco, e Antonio Bernardo, e do pardo Bonifacio, que abi foraõ agoutados e espancados; eu lhes poderia perguntar porque naõ se compadece- raõ d' aquelle preto que expirou à facadas no ter- reiro do segundo annunciante; do pardo Chicoõ que consentiraõ em ser espingardiado dentro da casa de caldeiras do mesmo segundo annunciante; do filho do velho Geraldo torto, que pagou com a vida hum bode e hum perú, que a miseria o fes comer; de Joaõ Manoel, que foi assassinado por meio de huma subscripção, para a qual ainda concorreo o segundo annunciante com os seos 10\$ mil reis; do Alfêres Jatahy, cojos assassinos eraõ regulados em cima da serra nas emboscadas com botijas de ginebra, condusidas na garupa do cava- lillo *Paquete*, e em fim de huma infinidade de outras victimas da oligarchia do **EXU**, que enfada em numerar; mas naõ pergunto por ser materia estranha, visto estarmos occupados da escravidão de pessoa livre: logo perguntarei quando vier a pro- pósito, e quando tiver de perguntar pelo mais que ainda me fica cá no meo canhenho. Sr. redactor, naõ foraõ os sentimentos de philantropia, que le- varaõ os annunciantes a roubar-me da cosinha a minha escrava; porque esses sentimentos naõ se nu- trem em peitos de chronica taõ horrivel: o senti- mento que os moveo, foi o da mais negra vingança; foi hum sentimento de desispero, por me não po- derem sacudir destas terras da Alagoa grande, que tenho occupado a 30, ou mais annos, e que elles rugem de raiva por me verem possuir. E toda- via ainda ha, que elles, hum ente mais perverso, mais rancoroso, que lhes tem dado as mãos para me flagellarem, e me levarem tambem ao desespero, como se apraz de publicar. Este ente he o muito reverente Sr. Joaquim Ferreira Lima-verde, que desgostoso de mim por motivos, que m' en- vergonho de publicar, foi o machinador desse roubo de minha escrava, que olles chamaõ fuga, e pela qual espero que ainda amargem. Eu devo terminar, porque vai ja grande a massada; mas devo terminar protestando, que vou proceder criminal e civelmen- te contra os roubadores de minha escrava, mandan- tes e mandatarios; porque está mesmo na minha honra demonstrar, que eu naõ sou capaz de ter em es cravidão pessoa livre, e procurar aos Drs. an- nunciantes para exhibirem esses seos documentos que lhes inspiraõ tanta compaixão. Naõ recuem por cuvarde, como o tem feito até a qui; e V. m. Sr. redactor, publique este protesto do seo assignante.

*João Pereira de Carvalho.*

Alagoa grande 8 de Maio de 1856.

### AOS SABIOS DA TERRA.

Em continuação ao esclarecimento do Sr. Co- nego Visitador desta Provincia de 6 de Abril pro- ximo p. impresso no *Ata* n. 41; vai mais este adendo para milhar conhecimento de dois Srs., que morão no fim da rua grande, que são d' opi- ão, que se não deve pagar a Fabrica da Matriz os — 400 reis, — que marca o § 10 da Tabella.

Quanto a Fabrica pequena do Parocho, deve continuar a cohar, emhera se sepulte no Cemiterio, assim como devem pagar a fabrica grande, pertencente ao mesmo Cemiterio, e os direitos parochiaes.

As sepulturas nos Cemiterios não alterão em nada a Tabella, que é hoje hua Lei do Estado.

### A DESPEDIR-SE.

*Jozé Fernandes Vieira*, mudando sua residencia desta cidade para a villa do Saboeiro, e naõ tendo tido tempo de despedir se de todas as pessoas com quem entreteve relações nesta comarca, pede lhes desculpa desta falta, e off-rece lhes seos serviços em qual quer parte onde se achar, assegurando lhes que á isso se prestará com summo praser, em rasão de ausentar se do Crato bastante pinhorado aos seos habitantes em geral pela estima e consideraç õ, com que foi tratado. Crato 6 de maio de 1856.

### ORAÇÃO CONTRA A PESTE.

Sam Sebastião,  
Nosso advogado,  
Livrai nos da peste,  
Filha do peccado.

Pedi a Jesus  
Em nosso favor  
Para que se extinga  
Da peste o furor.

Sabemos, Senhor,  
As faltas que temos;  
A vós recorrer  
Por isso devemos.

Somos peccadores  
Sujeitos ao mal,  
Temos merecido  
Um castigo tal.

Porém bem contrictos  
Então nos achamos,  
O nosso perdão  
Agora imploramos.

Com Jesus podeis  
A graça alcançar,  
De acabar a peste  
Que nos quer ceifar.

Sam Sebastião,  
O' tão doce amparo,  
Fazei com que cesse  
Nosso pranto amaro.

De nós afastai  
Cruel inimigo,  
Em vós encontremos  
Nosso doce abrigo.

Vós bem nos podeis  
Livrar desta peste,  
P' ra nós alcançando  
A graça celeste.

Ouvi nossos rogos,  
Sam Sebastião,  
Soccorrendo um povo  
Devoto e christão.

Se a lei do Senhor  
Fiel não cumprimos,  
Bem arrependidos  
Mil perdões pedimos.

E vos promettemos  
Cumprir fielmente  
Os sacros preceitos  
Do Omnipotente.

## ANNUNCIOS.

Antunes & Barros, negociantes nesta cidade com loja na rua do commercio, declarão aos tomantes de rapé q' em sua loja achã-se á venda pelo mais barato preço q' he possivel rapé Aréa preta Meuroni 1\$140 reis, rapé Aréa preta Cearense fabricado nesta provin- cia pelo dr. Marcos J. Thefilo a 1\$000 reis, rapé Princeza fino do Rio de Janeiro a 1\$400 reis.

Aracaty 1 de Janeiro de 1856.

João Tavares Dumienses, vende um chão com 46 palmos de frente na rua do Fogo com fundos que saem na rua da valla, por presso muito commado.

Vende-se um cavallo castanho de cela por 150\$ reis, bom passeiro, fazendo a ultima muda, de boa altura e bem em cascado, sem deffeito algum: quem o preten- der dirija-se ao Brejo secco no termo da Barbalha, a tratar com o annunciante Raimundo Glz'. Parente.

Imp. por Jesuino Briseno da Silva.